





2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Geraldo Alves

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá  
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
E24	<p>A educação no Brasil e no mundo [recurso eletrônico] : avanços, limites e contradições 6 / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020. – (A Educação no Brasil e no Mundo. Avanços, Limites e Contradições; v. 6)</p> <p>Formato: PDF            Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader            Modo de acesso: World Wide Web            Inclui bibliografia            ISBN 978-85-7247-966-0            DOI 10.22533/at.ed.660202301</p> <p>1. Educação. 2. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Ítaca

Se partires um dia rumo à Ítaca

Faz votos de que o caminho seja longo repleto de aventuras, repleto de saber.

Nem lestrigões, nem ciclopes, nem o colérico Posidon te intimidem!

Eles no teu caminho jamais encontrarás.

Se altivo for teu pensamento

Se sutil emoção o teu corpo e o teu espírito tocar

Nem lestrigões, nem ciclopes

Nem o bravio Posidon hás de ver

Se tu mesmo não os lewares dentro da alma

Se tua alma não os puser dentro de ti.

Faz votos de que o caminho seja longo.

Numerosas serão as manhãs de verão

Nas quais com que prazer, com que alegria

Tu hás de entrar pela primeira vez um porto

Para correr as lojas dos fenícios e belas mercancias adquirir.

[...] Tem todo o tempo Ítaca na mente.

Estás predestinado a ali chegar.

Mas, não apresses a viagem nunca.

Melhor muitos anos lewares de jornada

E fundeares na ilha velho enfim.

Rico de quanto ganhaste no caminho

Sem esperar riquezas que Ítaca te desse. [...]

(KAVÁFIS, 2006, p. 146-147)

Freud, em *O mal-estar da civilização*, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Por vivermos em tempos em que só o fato de existir já é resistir, seria ingenuidade, tanto de assujeitamento, quanto social, acreditar que a cultura não vem produzindo a resistência, principalmente na diferenciação social. Entre estudiosos, um dos pontos mais questionáveis, entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, é sobre o papel do professor como agente cultural, no espaço escolar, mas não podemos legitimar que a escola, bem como o professor, sejam os principais influenciadores. Há, no social, trocas dialógicas, enunciativas e discursivas que configuram e constituem o sujeito em meio sua adequação individual, ou seja, o acultramento perpassa por “muitas mãos”, instituições, sujeitos, ideologias que

atuam na formação estrutural.

De acordo com nossas filiações, determinamos culturas, determinamos não culturas, assim como afirma Bourdieu (1989), que responsabiliza essas legitimações aos próprios sujeitos que as vivem. Resistir seria, neste caso, transformar o mundo no qual estamos inseridos.

A escola precisa ser transformada, há muito tempo ela serve à legitimação da cultura dominante. É de fundamental relevância que a escola esteja cada vez mais próxima daqueles que são, de certa forma, o coração que a faz pulsar, da comunidade escolar que, ao garantir sua identidade cultural, cada vez mais se fortalece no exercício da cidadania democrática, promovendo a transformação da escola em uma escola mais humanizada e menos reprodutora, uma escola que garanta, valorize e proteja a sua autonomia, diálogo e participação coletiva. Assim, dentro dessa coletânea, buscou-se a contribuição do conceito de mediação como um possível conceito de diálogo para com as problemáticas anteriormente explicitadas.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início à discussão a uma discussão sobre mediação, que considera o meio cultural às relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, onde a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. As reflexões realizadas, a partir dos artigos propostos na coletânea, nos mostram que a validação do ensino da arte, dentro das escolas públicas, deve se fundamentar na busca incessante da provocação dos sentidos, na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento do senso crítico de percepção e de pertencimento a determinada história, que é legitimada culturalmente em um tempo/espço.

A escola precisa fazer transparecer a possibilidade de relações sociais, despertar e por assim vir a intervir nestes processos. Se deve analisar de maneira mais crítica aquilo que é oferecido como repertório e vivência artística e cultural para os alunos, bem como se questionar como se media estas experiências, ampliar as relações com a arte e a cultura, ao contrapor-se ao exercício de associação exercido muitas vezes pela escola nas práticas de alienação dos sujeitos diante de sua realidade.

Todos, no espaço escolar, atuando de maneira mais contributiva como lugar propício para ressignificação, mediação, produção cultural e diálogos culturais, que articulados junto a uma política cultural democrática podem vir a construir novos discursos que ultrapassam os muros que restringem a escola a este espaço de dominação, legitimado pelo atual sistema. A escola, dentro desta perspectiva, passa a ser concebida como um espaço de dupla dimensão. Dentro desta concepção, os processos de mediação potencializam a práxis de um pensamento artístico e cultural. É, atuando atrelado ao cotidiano, em uma perspectiva de mediação, que parte destes pressupostos apresentados que a escola passa a adquirir um carácter

de identidade, resistente à homogeneização cultural. A escola pode causar novas impressões, pode abrir seu espaço para novos diálogos e conversações.

É preciso, no entanto, despertar esta relação, desacomodar-se do que é imposto. Muitos são os fatores que teimam em desmotivar, no entanto, está longe desta ser a 90 solução para um sistema educacional que precisa de maneira urgente ser repensado. Ao acompanhar a ação nestas escolas, foi impressionante observar como a movimentação contagiava todos, até mesmo aos que observavam a movimentação e curiosos passavam pelo espaço, alunos de outras turmas apareciam para ajudar e tudo era visto com grande expectativa. Os alunos que participaram do processo aparentavam estar realmente coletivamente envolvidos, e isso pode ser observado nos depoimentos. O movimento observado na montagem, na realização da exposição e na ação educativa foi surpreendente e demonstra que a escola carrega realmente consigo algo muito precioso, que é pouco valorizado, o cotidiano real, o qual não está incluso em documentos, a parte viva da escola.

A presente ação demonstrou que a escola pode tomar rumos diferentes dos quais ela é designada pelo sistema. Aponta que um destes caminhos é apostar nos processos de mediação cultural que partam do cotidiano dos sujeitos que constituem este espaço. Assim, os processos de mediação cultural atrelados ao conceito de cotidiano não documentado atuam como exercício de partilha do sensível e colaboram na formação da práxis de um pensamento artístico e cultural. Esta concepção aqui analisada remete à tomada de uma nova postura frente ao ensino da arte e a concepção de espaço escolar assinala à construção de narrativas que possam contribuir para a construção de uma escola menos determinista e mais humanitária. Ao se realizar uma ação como esta proposta, o espaço escolar permite uma participação ativa e democrática entre seus autores, possibilitando a troca de vivências e experiências na comunidade escolar, promovendo um diálogo que potencializa a produção cultural dos alunos. A mediação dos trabalhos pelos alunos foi, segundo os depoimentos, algo muito rica e satisfatória para eles, os quais se mostraram maravilhados ao poderem partilhar de suas criações e apresentá-las à comunidade escolar.

Na ação educativa os alunos mediam o processo criativo e estes momentos de mediação, em absoluto, se configuraram como exercícios de partilha do sensível, que carregados de significados possibilitam a troca e o contato com o outro. Diante do que aqui se faz exposto, nada se tem a concluir como algo pronto e acabado, assim o que se faz é concluir uma etapa, que se transformará em múltiplas possibilidades de novos fazeres, desta teia de retalhos cabe, por agora, apreciar a parte que foi tecida e refletir, para sem muito tardar, sair em busca de outros retalhos que possa quiçá, um dia, tornar-se uma trama densa da práxis educativa e artística.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro



## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
PRÁTICAS DE ORALIDADE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Elaine Kendall Santana Silva Nataniele Fernandes dos Reis	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6602023011</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>15</b>
PRODUÇÃO DE VÍDEOS E CONFECÇÃO DE MAQUETES: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA AULA DE GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO	
Luzia Gomes Lira Irlei Gomes de Oliveira Andrade	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6602023012</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>25</b>
PRODUÇÃO SONORA, SEMIÁRIDO E POLÍTICA: OS SPOTS PRODUZIDOS PELA ARTICULAÇÃO SEMIÁRIDO BRASILEIRO – ASA EM 2016	
Anaelson Leandro de Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6602023013</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>35</b>
PROJETOS DE APRENDIZAGEM E GAMIFICAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR	
Anibal Lopes Guedes Fernanda Lopes Guedes Eliane Schlemmer	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6602023014</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>52</b>
QUEIMADAS NO ACRE: UM PROBLEMA DO VERÃO AMAZÔNICO	
Lívia Fernandes dos Santos Fernando Neri de Arruda Jordana Souza Paula Riss	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6602023015</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>59</b>
REDAÇÃO DE SURDOS: UMA JORNADA EM BUSCA DA AVALIAÇÃO ESCRITA	
Maria do Carmo Silva Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6602023016</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>63</b>
RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA ELPÍDIO BARBOS AMACIEL EM SÃO BENTO DO UNAPE: O CASO DA CLASSIFICAÇÃO DO RELEVO BRASILEIRO SEGUNDO JURANDYR ROSS	
Josenildo Odilon de Lima Lindhiane Costa de Farias Manoel Felix da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6602023017</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>66</b>
RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A UTILIZAÇÃO DO KAHOOT COMO FERRAMENTA INTERATIVA PARA O ENSINO APRENDIZAGEM	
Sandra Rosimere Hermes dos Santos Eronice Rodrigues Francisco Sérgio Santos Silva Filho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6602023018</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>71</b>
RETRATOS DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL EM ITABIRITO/MG	
José Erildo Lopes Júnior Marcos Gonzaga	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6602023019</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>84</b>
ROTA ACESSÍVEL – DIRETRIZES DE PROJETO DE REFORMA/ADAPTAÇÃO ESCOLAR	
Gabriel Moraes de Bem Aryane Spadotto Jorge Armino Sell Roberta Costa Ribeiro da Silva André Gustavo Müller Giovana Gonçalves Gustavo Gabriel Hoffmann Lana Stefany Neves Izidro Luis Felipe Borges Sabrina Thiem	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66020230110</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>88</b>
SALA DE AULA INVERTIDA (ADAPTADA): FACILITADORA DO PROCESSO DE ENSINOAPRENDIZAGEM DE QUÍMICA	
Renata Gonçalves da Mata Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66020230111</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>97</b>
SELEÇÃO DE MATERIAIS A PARTIR DA ANÁLISE MICROESTRUTURAL: A APRENDIZAGEM PELA PRÁTICA E A DIDÁTICA PROFISSIONAL	
Eduardo do Nascimento Karasinski	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66020230112</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>105</b>
SENTIDOS RETÓRICOS NAS LETRAS ALEMÃS DO MEDIEVO: CAMINHOS PARA A INTERPRETAÇÃO RETÓRICA DOS ROMANE CAVALEIRESCOS EM MÉDIO ALTO ALEMÃO (MITTELHOCHDEUTSCH)	
Marcus Baccega	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66020230113</b>	

**CAPÍTULO 14 ..... 113**

**SOROBAN COMO INSTRUMENTO TECNOLÓGICO DE APRENDIZAGEM MATEMÁTICA NA EJA**

Isnaele Santos da Silva  
Simone Maria Chalub Bandeira Bezerra  
Salete Maria Chalub Bandeira  
Denison Roberto Braña Bezerra  
Mário Sérgio Silva de Carvalho  
Everton dos Reis Araújo  
Andrea Bastos dos Santos  
Conceição Lima da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.66020230114**

**CAPÍTULO 15 ..... 123**

**STRATEGOS- O JOGO DIGITAL COMO FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO DE EGRESSOS DE ENGENHARIA**

Marcos Baroncini Proença  
Dayse Mendes  
Fernanda Fonseca  
Viviana Raquel Zurro  
Luciano Zurro Stelle

**DOI 10.22533/at.ed.66020230115**

**CAPÍTULO 16 ..... 130**

**TEORIA HUMANISTA, TEORIA DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E TEORIA DA INSTRUÇÃO PRESCRITIVA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO CONTEMPÔRANEA**

Elivania Toledo Rodrigues  
Silvana Mara Lente  
Odenise Jara Gomes  
Vania de Oliveira Silva  
Elisangela de Oliveira Silva  
Solange Teresinha Carvalho Pissolato  
Marinalva Pereira dos Santos

**DOI 10.22533/at.ed.66020230116**

**CAPÍTULO 17 ..... 140**

**TRADUÇÃO E ALTERIDADE NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL: UMA ABORDAGEM NO ENSINO DE LE A CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE RISCO SOCIAL**

Rosanne Castelo Branco

**DOI 10.22533/at.ed.66020230117**

**CAPÍTULO 18 ..... 149**

**TRANSDISCIPLINARIDADE E NEUROCIÊNCIA DA APRENDIZAGEM EM UM CONTEXTO DE HORTA ESCOLAR**

Nágila Maria Silva Oliveira  
Roberto Mamedio Bastos  
Kelly Cebelia das Chagas do Amaral

**DOI 10.22533/at.ed.66020230118**

<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>154</b>
TRANSPORTE SUSTENTÁVEL E FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CICLISMO NO ENTORNO DO PARQUE ESTADUAL DO PROSA (PEP) EM CAMPO GRANDE/MS	
Guilherme Pires Veiga Martins Edson Pereira de Souza Icléia Albuquerque de Vargas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66020230119</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>169</b>
UM ESTUDO SOBRE A TRAJETÓRIA DE JOVENS ESTUDANTES: TRABALHO, IDENTIDADE, AUTORIA E SEUS SILENCIAMENTOS	
Alexandra Tagata Zatti Tânia Regina Raitz Kátia Regina Hillesheim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66020230120</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>178</b>
VIAGEM NOS MAPAS	
Lia Margot Dornelles Viero Elsbeth Léia Spode Becker Natália Lampert Batista	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66020230121</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>192</b>
INOVAÇÃO NOS CARDÁPIOS DA ALIMENTAÇÃO ESCOLAR DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS/SC	
Vanessa Fernandes Davies Marcela Kruger Correa Emanoelle Nazareth Fogaça Marcos Nicole Pelaez	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66020230122</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>203</b>
INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NO AMBITO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	
Silvana Mara Lente Odenise Jara Gomes Vania de Oliveira Silva Elisangela de Oliveira Silva Solange Teresinha Carvalho Pissolato Marinalva Pereira dos Santos Elivania Toledo Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66020230123</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>214</b>
LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO: UM RELATO DA RECEPÇÃO DO POEMA DO AUTOR CRAVEIRINHA, COMO SUBSÍDIO PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA E DOS PROCESSOS IDENTITÁRIOS EM MOÇAMBIQUE	
Altair Sofientini Ciecowski	

Amarildo Bertasso

**DOI 10.22533/at.ed.66020230124**

**CAPÍTULO 25 ..... 220**

MÉTODOS INOVADORES NO PROCESSO DE LEITURA, ESCRITA E ORALIDADE:  
UMA ANÁLISE COM TURMAS DOS 5º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE  
COMUNIDADES CARENTES NO ENTORNO DE CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA - PA

Danilo Marcus Barros Cabral

**DOI 10.22533/at.ed.66020230125**

**CAPÍTULO 26 ..... 228**

CORPOS-TEXTO NA IMENSIDÃO DE HISTÓRIAS INCOMPLETAS: A SEXUALIDADE  
COMO DISPOSITIVO DE SENTIDOS

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Luiz Henrique Moreira Soares

Heitor Messias Reimão de Melo

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Maria Regina Momesso

Débora Cristina Machado Cornélio

Andreza de Souza Fernandes

Monica Soares

Carlos Simão Coury Corrêa

Valquiria Nicola Bandeira

**DOI 10.22533/at.ed.66020230126**

**SOBRE A ORGANIZADORA ..... 245**

**ÍNDICE REMISSIVO ..... 246**

# CAPÍTULO 21

## VIAGEM NOS MAPAS

Data de aceite: 02/01/2020

### Lia Margot Dornelles Viero

Universidade Franciscana – UFN  
Santa Maria - RS

### Elsbeth Léia Spode Becker

Universidade Franciscana – UFN  
Santa Maria - RS

### Natália Lampert Batista

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM  
Santa Maria - RS

**RESUMO:** O mapa é um documento que faz parte da cultura de povos e contribuiu, desde a Antiguidade, para melhor conhecimento e organização do espaço geográfico. O mapa está presente no cotidiano das pessoas e pode ser utilizado para diferentes finalidades. No ensino, ele constitui um importante recurso que traz possibilidades e permite ao aluno explorar inúmeros aspectos além da localização geográfica. O objetivo principal do artigo foi apresentar uma sequência didática, na área da cartografia literária a partir de um clássico da literatura mundial, “*Viagens de Gulliver*”. A proposta metodológica permeou a revisão bibliográfica além do planejamento e roteirização de uma sequência didática voltada para a Cartografia Escolar, destinada a alunos dos Anos Iniciais da Educação Básica.

O trabalho proposto nos permite apontar que ações integradas entre Cartografia e Literatura são muito válidas, pois são propostas diferenciadas das apresentadas na grande maioria dos tradicionais recursos utilizados em sala de aula. Aliar recursos da Literatura ao ensino com mapas pode significar uma viagem a todos os lugares conhecidos e imagináveis do mundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino. Cartografia Escolar. Literatura.

### TRIP OF MAPS

**ABSTRACT:** The map is a document that is part of the culture of peoples and has contributed, since ancient times, to better knowledge and organization of geographical space. The map is present in people's daily lives and can be used for different purposes. In teaching, it is an important resource that brings possibilities and allows the student to explore many aspects beyond geographical location. The main objective of the article was to present a didactic sequence in the area of literary cartography from a classic of world literature, "Gulliver's Travels". The methodological proposal permeated the bibliographic revision besides the planning and script of a didactic sequence focused on School Cartography, aimed at students of the final grades of Basic Education. The proposed work

allows us to suppose that integrated actions between Cartography and Literature are very valid, as they are different proposals from those presented in the vast majority of traditional classroom resources. Combining resources from literature to teaching with maps can mean a trip to every known and imaginable place in the world.

**KEYWORDS:** Teaching. School Cartography. Literature.

## 1 | INTRODUÇÃO

O mapa, assim como a arte que dele deriva, é em si fundamentalmente uma estratificação (*overlay*) – ele é simultaneamente um lugar, uma viagem e um conceito mental; abstrato e figurativo, distante e íntimo. Os mapas são como instantâneos de viagem, uma paralisação da imagem. A fascinação que experimentamos por eles deve ter relação com nossa necessidade de adquirir uma visão de conjunto, de situarmo-nos e de compreender onde estamos (LIPPARD, 1985, p. 122).

O mapa é fascinação! Desde a Antiguidade, é um documento que faz parte da cultura de povos e contribuiu para melhor conhecimento e organização do espaço geográfico. “Povos pré-históricos, que não foram capazes de registrar os acontecimentos em expressões escritas, o fizeram em valiosas expressões gráficas” (OLIVEIRA, 2010, p. 16). O mapa está presente no cotidiano das pessoas, nas suas mais variadas interfaces, e pode ser utilizado para diferentes finalidades e funções. No ensino, eles constituem em importantes recursos capazes de permitir ao aluno explorar inúmeros aspectos além da localização geográfica. “Os mapas, além de mostrarem a posição do lugar, isto é, o “onde fica? ”, podem dizer muito mais sobre cada lugar, caracterizando-os”. (FERREIRA; MARTINELLI 1997, p. 13).

Além de encantamento e fascinação, o mapa é uma linguagem! Ao fazer-se linguagem, a Cartografia é considerada um sistema de código de comunicação imprescindível em todas as esferas da aprendizagem em Geografia, articulando fatos, conceitos e sistemas que permitem ler e escrever as características do território. (CASTELLAR, 2011, p. 129). Essa linguagem precisa ser entendida pelo viés da semiótica cartográfica e da semântica, levando a interpretação dos signos e da sua aplicabilidade nos distintos contextos socioculturais da produção cartográfica.

Cabe ainda ressaltar que a Cartografia auxilia outras áreas do conhecimento e em diferentes momentos da vida cotidiana dos indivíduos. Hoje o fator localização, mais do que em tempos passados, passa ser determinante na vida das pessoas. Precisamos saber onde estamos e para onde iremos nos deslocar pelo espaço. A dinâmica da vida moderna e contemporânea exige conhecimento do espaço, para que nossas atribuições sejam feitas com maior rapidez e eficiência, bem como prescinde de uma interpretação significativa dos elementos que auxiliam na localização e orientação espacial frente à fluidez e dinâmica dos mapas híbridos e multimodais contemporâneos (BATISTA; CASSOL; BECKER, 2019; BATISTA,

BECKER, CASSOL, 2018).

O mapa tem sido e será, sempre, um instrumento básico para geógrafos, historiadores, ecólogos, geólogos, cartógrafos, planejadores, professores e para todos aqueles que estudam e se preocupam com a representação da superfície da Terra, em suas partes ou em sua totalidade (OLIVEIRA, 1995, p. 45).

Na vida moderna e, especialmente, na contemporânea, é cada dia mais notória a utilização e o manuseio de mapas; portanto, cada vez mais, o trabalho do cartógrafo deve ser baseado nas necessidades e interesses dos usuários-autores dos mapas. (SIMIELLI, 2010, p.77). Atualmente, os usuários-autores de mapas apresentam-se em todas as idades, seja para localiza-se ou para localizar algo de seu interesse, seja para jogar virtualmente ou compartilhar experiências em redes sociais. Os aplicativos de mapas e com mapas tem grande utilidade na locomoção das pessoas, além de continuar exercendo fascínio no imaginário humano sobre “onde fica”? “O que tem neste lugar”? O primeiro recurso para tentar saber “onde fica” é, sempre, o mapa, seja o analógico ou digital.

Também na escola, o mapa, quando colocado em cena, desperta a atenção dos estudantes de todas as idades e são diversas as curiosidades endereçadas, por eles, aos mapas. Os professores da Educação Básica, desde os Anos Iniciais até os Anos Finais e, também, no Ensino Médio, precisam buscar novas formas de ensinar e, muitas vezes, as metodologias ativas proporcionam maior interesse sobre determinados temas. Com os mapas não é diferente! Associar metodologias ativas ao ensino da Cartografia Escolar é conquistar o interesse dos estudantes e estimular a criatividade e o imaginário para melhorar o ensino aprendizagem.

Neste cenário, de professores em busca de inovação, que a Universidade Franciscana (UFN) realizou a primeira edição de um fórum destinado aos professores da Educação Básica e, dessa forma, promoveu a integração entre professores em exercício e os estudantes da pós-graduação. O texto apresentado neste artigo foi inspirado na oficina “Viagem nos Mapas” apresentada no Fórum Integrado de Ensino (FIE) “Sementes no chão da escola: práticas e saberes docentes” promovido pelo Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECIMAT) e pelo Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens (MEHL), da Universidade Franciscana. O principal objetivo do FIE foi promover a integração e a formação de alunos e professores, da Educação Básica e do Ensino Superior, por meio de discussões relativas às práticas e aos saberes docentes.

Na oficina “Viagem nos Mapas”, o objetivo principal foi apresentar uma sequência didática vinculada a Cartografia Literária, que segundo Ribeiro (2015), “é o ramo de estudos que investiga as relações dos mapas com o espaço dos textos literários”, além de incentivar o trabalho de produtos cartográficos em diferentes linguagens destinados à Educação Básica.



A proposta metodológica foi embasada na revisão bibliográfica na área da Cartografia além do planejamento e roteirização de uma sequência didática utilizando como recorte temático a obra da literatura infanto-juvenil denominada “*As viagens de Gulliver*”, escrito em 1726/35 pelo escritor irlandês Jonathan Swift, consagrado um clássico da Literatura Inglesa e traduzido para várias línguas.

O trabalho cartográfico a partir de referenciais da Literatura pode ser uma proposta didática que diferencia dos tradicionais recursos de ensino utilizados na grande maioria das escolas brasileiras. Assim, a partir da realização da oficina “Viagem nos Mapas” foi elaborado o presente artigo que será apresentado em três seções, além da introdução e das considerações finais.

## 2 | CARTOGRAFIA, CIÊNCIA DA REPRESENTAÇÃO GRÁFICA

A Cartografia é a ciência da representação gráfica da superfície terrestre, tendo como produto final o mapa. Oliveira (1983, p. 97), conceitua Cartografia como:

O conjunto de operações científicas, artísticas e técnicas, baseado nos resultados de observações diretas ou de análise de documentação, visando à elaboração e preparação de cartas, projetos e outras formas de expressão, bem como a sua utilização.

Ou seja, é a ciência que trata da concepção, produção, difusão, utilização e estudo dos mapas. Os mapas, além de mostrarem a posição geográfica, evidenciam as características do lugar. "Desde sempre, o homem registra o espaço onde vive. Trata-se de uma necessidade social" (MARTINELLI, 2014, p. 5).

Os primeiros mapas foram traçados no século VI a.C., na Grécia Antiga e no Império Romano, entre outras civilizações da Antiguidade, geralmente, em função de expedições militares para conhecer as áreas dominadas e as possibilidades de ampliação das fronteiras, de navegação, demarcar territórios e suas riquezas e representar a visão de mundo dos povos. Na Idade Média, com intensa influência da Igreja Católica, as determinações religiosas fizeram com que o conhecimento científico empregado nos mapas fosse substituído por símbolos e representações cristãs.

Com a era dos descobrimentos, os dados coletados durante as viagens tornaram os mapas “mais exatos”, isto é, cartesianos. Após a descoberta do Novo Mundo, a importância dos mapas cresce, valoriza-se e vai estar presente nos grandes momentos da história da humanidade, registrando fatos e acontecimentos de diferentes povos, portanto fazendo registro da história da humanidade.

Para Oliveira (1988, p. 17), pode-se afirmar que o mapa

[...] é, de todas as modalidades da comunicação gráfica, uma das mais antigas

da humanidade, nesta premissa: todo povo, sem exceção, nos legou mapas, afirmação está baseada, hoje em dia, e alimentada por abundantes evidências. Há provas bem remotas de mapas babilônicos, egípcios, chineses, etc... provas essas que se vêm acumulando até os dias de atuais, os quais resultam de estudos históricos, geográficos, etnológicos e arqueológicos.

Almeida (2004, p. 13) corrobora com a afirmativa mencionando que “A Cartografia moderna, apoiada no crescente avanço tecnológico, tem produzido mapas cada vez mais precisos. Entretanto, nem sempre foi assim. Os conhecimentos cartográficos foram construídos ao longo dos séculos, desde, pelo menos, a Antiguidade Clássica”. Mapa é qualquer representação, geralmente plana (existe técnica de confecção em alto-relevo), parcial ou total da superfície de um astro em escala reduzida, mostrando seus componentes através de símbolos e, às vezes, cores também. (DUARTE, 1994, p.129).

Novamente conforme Oliveira (1983, p. 137), o mapa é

Uma representação gráfica, geralmente em uma superfície plana e em determinada escala das características naturais e artificiais terrestres ou subterrâneas, ou, ainda, de outros planetas. Os acidentes são representados dentro da mais rigorosa localização possível, relacionados, em geral, a um sistema de referência de coordenadas.

Atualmente, os mapas passam a ter uma diversificação de abordagens cada vez maior. A Cartografia Pós-representacional, Subversiva e/ou Social permitem pensar a ciência, técnica e arte dos mapas pelo viés do usuário autor, considerando a interfaces não cartesianas dos mapas e aprofundando e modificando a leitura e interpretação desse importante recurso essencial ao meio técnico-científico-informacional. (GIRARDI, 2012, 2014).

Na área educacional, os mapas são utilizados pela Geografia, embora não sejam de exclusividade dessa componente curricular. O mapa é uma ferramenta de ensino que faz parte do cotidiano escolar, embora se tenha conhecimento das fragilidades de seu uso por parte de docentes. Por vezes, esse recurso é utilizado apenas como o objetivo ilustrativo, o que não acrescenta muito no processo de ensino aprendizagem. O mapa é definido, em educação, como um recurso visual a que o professor deve recorrer para ensinar Geografia e que o aluno deve manipular para aprender os fenômenos geográficos. (OLIVEIRA, 2010, p. 19).

Sob este aspecto, Almeida (2004, p. 17), registra que

O ensino de mapas e de outras formas de representação da informação espacial é importante tarefa da escola. É função da escola preparar o aluno para compreender a organização espacial da sociedade, o que exige o conhecimento de técnicas e instrumentos necessários à representação gráfica dessa organização.

Ou seja, é na escola que deve ser desenvolvida as habilidades e competências

da Cartografia por meio da alfabetização e letramento cartográfico. Pode-se dizer que a Cartografia é um tema gerador da Geografia, ou seja, os mapas estão presentes em inúmeros conteúdos que o professor dessa disciplina trabalha em sala de aula e, também, de todas as outras disciplinas. Por isso, sempre que o professor utilizar um mapa deve retomar alguns conceitos da Geografia e atrelar a discussão, sempre que possível, à construção do espaço político, histórico, social e cultural.

A imagem do mapa enquanto documento não deve ser considerada como mera ilustração de um texto escrito. Geralmente, a primeira dimensão visual que temos do mapa é acerca da territorialidade, fronteiras limitadas, o que leva o aluno, de imediato, a associá-lo com a disciplina de Geografia. No entanto, o mapa como recurso didático no ensino abrir inúmeras possibilidades de reflexão em todas as áreas do conhecimento. Por trás do mapa há uma conjuntura temporal que permeia uma dinâmica social, política e econômica, fundamentais para a construção do saber crítico escolar.

A produção de conto, música, charge, vídeos, *memes*, *podcats*, curta-metragem são atividades que podem estar envolvidas no conhecimento crítico de qualquer disciplina, mas, por que não os mapas? O passado se modifica pelo modo de intervenção do homem e, sem dúvida, por meio do espaço, o homem pode pensar sua influência nos processos históricos e culturais. O conhecimento do espaço geográfico e o aprofundamento acerca do processo de constituição da história e das culturas proporciona ao aluno a ideia de se conceber como conhecedor do mundo assim como ele é. Para desenvolver a postura crítica, aprofundar o conhecimento e conhecer outras culturas e contextos temporais, a Literatura apresenta-se como o mais eficaz dos instrumentos de “viajar nos livros”. Assim, aliar a leitura dos mapas com a leitura de livros pode constituir-se na parceria de uma instigante sequência didática para o ensino aprendizagem.

### **3 | CARTOGRAFIA E LITERATURA, PARCERIA PARA UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

O hábito da leitura proporciona um aumento da capacidade de escrita, de argumentação, além de trazer um enriquecimento relevante no vocabulário do leitor, em sua forma de se expressar e de se posicionar criticamente diante das situações. No entanto, a leitura nem sempre é recorrente é um hábito entre os escolares. Em estudos realizados, a partir dos dados da Prova Brasil, no Estado do Rio Grande do Sul, evidencia-se que há um processo ainda a ser trilhado para implementação mais efetiva dos hábitos de leitura e, para isso, há necessidade de melhorar as estratégias que permitam uma maior influência da família e, também, a prática na escola (GHISLENI; BECKER; JARDIM, 2018, p. 23).

A leitura, prática que deveria ser melhor difundida no espaço escolar pode

auxiliar no desenvolvimento de habilidades e competências dos estudantes, favorecendo uma qualificação no desempenho escolar em todas as áreas do conhecimento.

Sob esse aspecto, Schaffer (1998, p. 86), registra que,

O papel da escola é notável na promoção sistematizada da utilização das múltiplas linguagens. A importância do ler e do escrever chega então, por diversos meios, aos professores das diferentes áreas para que reflitam sobre suas práticas e para que promovam um novo esforço em direção à leitura e à escrita como tarefas escolares privilegiadas pela sociedade.

Obras da Literatura podem ser ótimas referências para o trabalho escolar, desde que adequadas para o tema de trabalho proposto pelo professor além do público-alvo envolvido. A literatura pode ser uma grande aliada para o planejamento de propostas pedagógicas para todos os níveis educacionais.

A obra “*As viagens de Gulliver*” foi escolhida para a proposta didática por ser um material clássico da Literatura Infantil e atender os objetivos da sequência didática, qual seja, elaborar produções cartográficas a partir do texto apresentado na obra. O livro apresenta páginas temáticas, com ilustrações que por si só levem o leitor a fazer uma leitura fantástica, induzida, também pelo imaginário. O texto, que acompanha as ilustrações, além de sua clareza e objetividade está redigido em uma fonte adequada ao uso escolar. Trata-se de um exemplar impresso de forma resumida, mas que permite a possibilidade de fazer a exploração de assuntos geográficos que podem ser mapeados e cartografados.

Embora o texto da obra tenha possibilidade para abordagem de outros temas como a relação de cada uma das sociedades em que o personagem passou e a organização de cada uma delas, a proposta aqui apresentada tem como cenário principal a ciência cartográfica.

A obra é um romance satírico do escritor irlandês *Jonathan Swift* no início do século XVIII para ser uma sátira da humanidade e dos livros sobre viagens. Sua primeira edição foi lançada em dois volumes em 28 de outubro de 1726. Muitas outras edições foram disponibilizadas, algumas compiladas em um único exemplar, com textos mais aprofundados que outros. Conforme relatos e registros a obra foi criada para criticar as histórias sobre naufrágios em ilhas desertas onde o personagem não dependia de mais ninguém para sobreviver, já que, em suas viagens, *Gulliver* sempre dependeu dos povos nativos. O texto da obra crítica a humanidade e, especialmente, a sociedade inglesa e o judiciário, com o qual o autor teve diversos embates durante sua vida literária.

O exemplar utilizado para a construção da proposta na Sequência Didática foi o da coleção *Classic Stars*, da editora *Todolivro*, destinado ao público infantil, que oferece inúmeras possibilidades de produções cartográficas e/ou roteiros didáticos

que podem ser realizados a partir do texto apresentado na obra de *Jonathan Swift*.

Há necessidade de propostas didáticas diferenciadas para estudantes da Educação Básica que sejam diferenciadas dos manuais existentes e ou utilizados pelo professor. Esta proposta permite abordar uma variedade de temas e apresentar informações por meio de diferentes linguagens, e entre elas o mapa, as quais atendem a exigências do currículo e permitem diversidade de uso didático.

A informação sobre os lugares, dado pela Cartografia no entendimento de Schaffer (1998, p. 93), está

[...] invariavelmente vinculada à aula de Geografia. Ela é a linguagem, por excelência, da síntese das informações espaciais; expressa conhecimentos e estuda situações, sempre enfatizando a ideia de organização do espaço. Por tal razão, a leitura cartográfica surge, desde o início da escolaridade, como instrumento básico em Geografia para compreender a espacialização dos fenômenos e para representá-los também espacialmente.

Schaffer (1998), ainda destaca que, “ler e escrever em Geografia é uma estratégia cognitiva disciplinar que, na parceria com as demais áreas, permite ao aluno adquirir uma visão de mundo, reconhecer e estabelecer seu lugar no espaço geográfico, o que inclui a noção, também, da sua possibilidade de exclusão” (SCHAFFER, 1998, p. 87).

A autora também reforça escrevendo que “o processo de leitura em geografia pode propiciar novas formas de pensar, de questionar, de desencadear aprendizagens significativas na direção de mudanças na compreensão de conceitos e na adoção de atitudes e valores”. (SCHAFFER, 1998, p. 97).

Nessa linha de entendimento, Oliveira (2010), informa que

O mapa pode ser usado em sala de aula para atingir os seguintes objetivos: localizar lugares e aspectos naturais e culturais da superfície terrestre, tanto em termos absolutos como relativos; mostrar e comparar as localizações; mostrar tamanhos e formas de aspectos da Terra; encontrar distâncias e direções dos lugares; mostrar elevações e escarpas; visualizar padrões e áreas de distribuição; permitir inferências dos dados representados; mostrar fluxos, movimentos e difusões de pessoas, mercadorias e informações; apresentar distribuição dos eventos naturais e humanos que ocorrem na Terra. Diante desses objetivos, concluiu-se que o mapa não deverá ser planejado para ser usado uma vez ou duas, como em geral acontece com os cartazes, gravuras ou slides durante o período letivo, mas para ser usado constantemente. (OLIVEIRA, 2010, p. 24).

A Cartografia é dotada de uma compreensão histórica e de mundo. O mapa é construído socialmente e é dotado de percepção e interpretação as quais dão sentido ao espaço e estrutura o mundo. Portanto, o mapa é um texto que deve ser visto como fonte e argumento, o professor necessita situá-lo no contexto discutido.

## 4 | SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A maioria dos educadores concordam que aprender a ler o mapa é necessário para a formação básica dos educandos; todas as escolas, com raras exceções, possuem mapas, mesmo que sejam aqueles dos cadernos e livros dos alunos. A leitura do mapa é fundamental para que o aluno possa entender o espaço. Aguiar (2011) sinaliza que a leitura dos mapas decorre dos objetivos e dos interesses do leitor, de sua capacidade em decodificá-los e dos seus conhecimentos relativos ao espaço geográfico (AGUIAR, 2011, p. 54).

A sequência didática “Viagem nos Mapas” é uma atividade de ensino para alunos dos Anos Iniciais da Educação Básica acerca da Cartografia numa interface com a Literatura a qual propõe que o aluno leitor, acompanhado do professor, possa além do exercício da leitura, também desenvolver atividades cartográficas.

A proposta foi organizada em dois momentos. O primeiro, com objetivo de instigar os participantes, faz questionamentos aos alunos como: Gosta de viajar?, Tem o hábito de viajar? Quando? Costuma usar mapas fora do ambiente escolar? Faz uso de mapas nas aulas de Geografia? Percebe a importância do mapa? A ideia é que durante os questionamentos o professor possa fazer intervenções a partir das respostas dos alunos.

Se, pelo menos uma das respostas, por parte do participante, ou a maioria das respostas foi pela opção sim, então, foi oficializado o convite para participarem de uma viagem pelo mapa. A viagem será feita, por diferentes lugares, através das informações contidas nas páginas temáticas da obra “*Viagens de Gulliver*”.

A roteirização foi definida primeiramente pela leitura da obra, a qual poderá ser feita através de diferentes formas ou indicação antecipada ou através de uma leitura coletiva, com orientação do professor. Nessa etapa é possível trabalhar com o vocabulário de palavras desconhecidas do aluno, mas principalmente de termos do vocabulário geográfico. Além disso, ainda é possível explorar outras ideias contidas na obra e caracterização dos personagens e dos lugares por onde o personagem passou.

A parte cartográfica poderá ser trabalhada com auxílio de um mapa-mundi onde é possível definir a localização dos oceanos e principais mares, cenários apresentados na obra. Além disso, o professor poderá incluir outras possibilidades como as massas continentais e seus respectivos limites. Pelo enredo disponibilizado é possível dar ênfase para o trabalho com uma área da Europa, mais precisamente a Europa norte ocidental, onde dá para fazer a caracterização dos lugares das viagens de *Gulliver*.

O estudo da natureza, conforme Rua (1993), “sempre constituiu uma das bases a qual se estruturou o conhecimento geográfico” (RUA, 1993, p. 284). Recomenda

ainda o autor que “o estudo da natureza dentro da Geografia, compreendida como ciência social, é de fundamental importância, pois ressalta o jogo de influências que se desenvolve entre sociedade e a natureza no processo de estruturação do espaço” (RUA, 1993, p. 285).

Nas palavras de Cavalcanti (2002), as habilidades de orientação, localização, de representação cartográfica e de leitura de mapas desenvolvem-se ao longo da formação dos alunos. Não é um conteúdo a mais no ensino de Geografia, ele perpassa todos os outros conteúdos, fazendo parte do cotidiano das aulas dessa matéria. (CAVALCANTI, 2002, p. 16)

Uma proposta é fazer mapeamento do planisfério com a localização dos continentes, dos oceanos e linhas imaginárias (Figura 1). Com o trabalho em mapas didáticos, é possível os alunos fazerem inúmeras descobertas e com ajuda do professor descobrir a importância dos oceanos e continentes não só no passado como também na contemporaneidade.

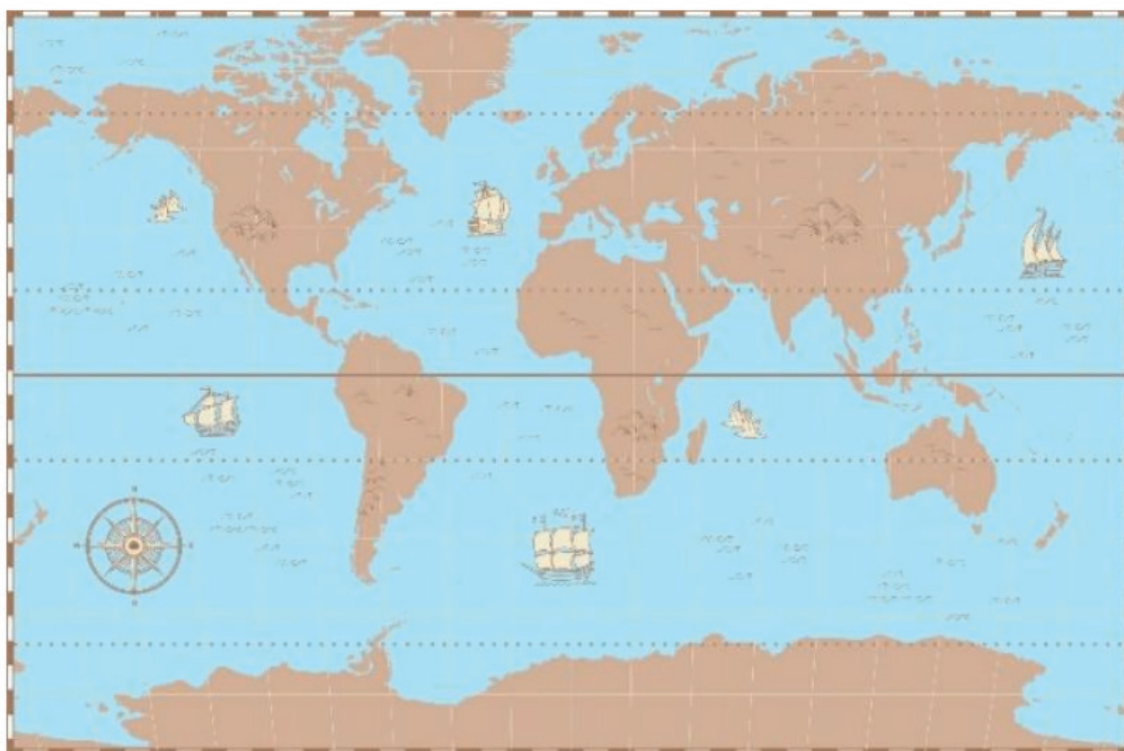


Figura 1 – Mapa Mundi com oceanos e continentes

Fonte: <https://brfreepik.com/>. Acesso em 13 mai. 2018 (Adaptado).

Não se descarta a possibilidade do trabalho com todos os oceanos da Terra, porém o oceano Atlântico e o continente europeu devem ser os assuntos mais detalhados em razão do enredo da obra trabalhada. Outra possibilidade é o mapeamento do continente europeu com seus principais acidentes geográficos, com ênfase no arquipélago britânico (Figura 2).

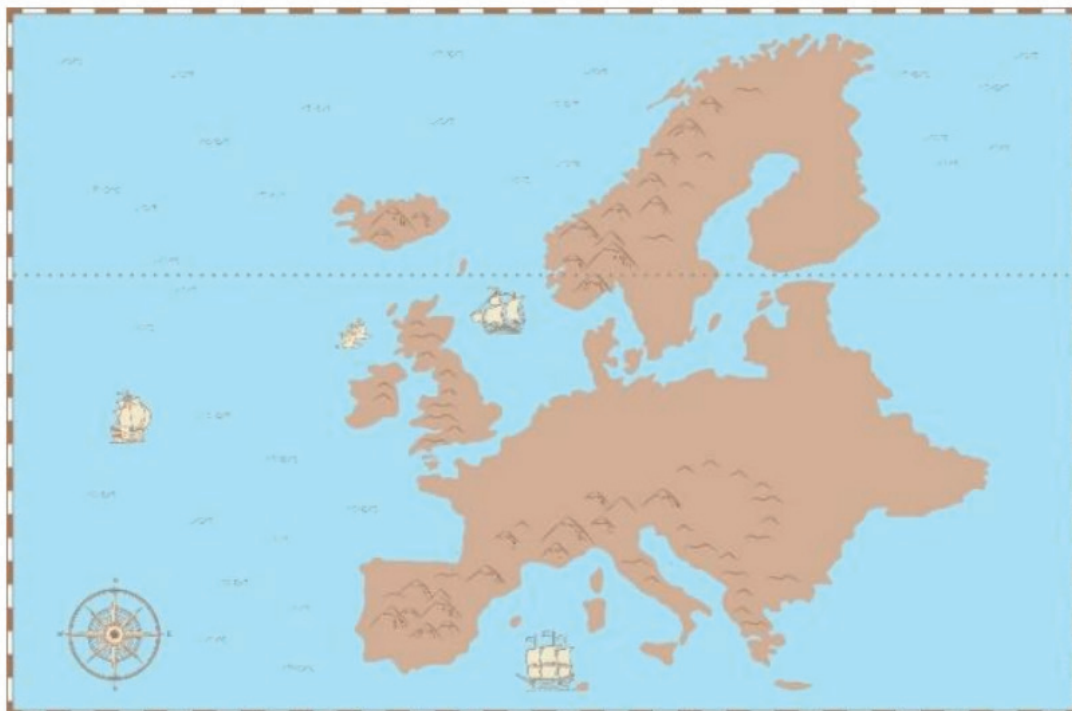


Figura 2 – Mapa da Europa.

Fonte: <https://brfreepik.com/>. Acesso em 13 mai. 2018 (Adaptado).

O mapeamento do Reino Unido (Figura 3) complementa o trabalho através da identificação e localização de acidentes geográficos que não foram possíveis de serem percebidos nas representações anteriores em razão da escala, ou seja, do detalhamento do mapa.



Figura 3 – Mapa do arquipélago britânico.

Fonte: <https://brfreepik.com/>. Acesso em 13 mai. 2018 (Adaptado).



Através dessa produção cartográfica, o professor poderá esclarecer junto aos alunos uma das dificuldades que eles possuem em compreender e diferenciar Ilhas Britânicas, Reino Unido, Grã-Bretanha, Inglaterra. Essas atividades não esgotam a possibilidade de o professor explorar outros assuntos associados ao enredo do exemplar. Ainda, destaca-se que o trabalho com mapas permite a inclusão de outras linguagens, entre elas o próprio texto e a fotografia.

Escreve Aguiar (2011) que “como se aprende a ler com quem sabe ler, reserva-se ao professor uma das mais interessantes tarefas: revelar aos seus alunos a trajetória percorrida para se atingir as etapas de codificação, de decodificação e de compreensão dos mapas” (AGUIAR, 2011, p. 54). O trabalho cartográfico poderá se tornar mais rico nos detalhes a partir da percepção que o aluno leitor teve da obra, por isso é possível que no final do trabalho diferenciadas produções cartográficas sejam apresentadas.

Para Cavalcanti (2002),

A Cartografia é um importante conteúdo do ensino por ser uma linguagem peculiar da Geografia, por ser uma forma de representar na[ análises e sínteses geográficas, por permitir a leitura de acontecimentos, fatos e fenômenos geográficos pela sua localização, permitindo assim sua especialização. (CAVALCANTI, 2002, p. 39).

É importante assim o uso do mapa no cotidiano das aulas de geografia para auxiliar análises e para desenvolver habilidades de observação, manuseio, reprodução, interpretação, correção e construção de mapas (CAVALCANTI, 2002, p. 39).

Cavalcanti (2002), ainda reforça que

o trabalho com as diferentes formas de representação gráfica comuns na linguagem geográfica deve ser tomado como um procedimento de grande relevância nos estudos de Geografia, em seus vários momentos. É um procedimento que se orienta para uma das metas gerais da Geografia no ensino, que é a habilidade de orientação dos alunos e de aspectos da realidade socioespacial por eles estudada (CAVALCANTI, 2002, p. 96).

O descrito neste texto não esgota todas as possibilidades de trabalho cartográfico, uma vez que muitas outras possibilidades poderão surgir no decorrer do trabalho, assim como a inserção de novos assuntos a partir do planejamento, interferências e da criatividade do professor e dos participantes.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os mapas são utilizados pela Geografia, embora não sejam de exclusividade dessa componente curricular. É um recurso utilizado para todos os indivíduos, mas na área educacional ele passa ter uma importância, pois é na escola que o

aluno vai receber orientações ou ensinamentos para sua leitura e interpretação. O trabalho realizado nos permite afirmar que ações integradas com diferentes áreas do conhecimento são muito válidas, pois abrem inúmeras opções de propostas pedagógicas, capazes de qualificar o trabalho docente e despertar no aluno um interesse maior em atividades que os envolvam e possibilitem o desenvolvimento de outras habilidades além da memorização.

O trabalho proposto nos permite afirmar que essas ações pedagógicas, na interface da Cartografia com a Literatura, são muito válidas porque, além de qualificar o trabalho docente, oferece ao aluno atividades educativas bem diferenciadas das apresentadas nos tradicionais recursos utilizados pela grande maioria dos professores. A sequência didática permite trabalhar uma variedade de temas e por meio de diferentes linguagens, em especial o mapa as quais atendem a exigências do currículo e permitem diversidade de uso didático. Dessa forma, podemos supor que Cartografia e a Literatura podem emocionar, promover aventuras, por diferentes lugares, por vezes bem distantes do aluno, mas que permitem leitor uma viagem repleta de emoções.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. D. de. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. São Paulo: Contexto, 2004.

ALMEIDA, R. D. de. Novos Rumos da Cartografia Escolar: currículo, linguagem e tecnologia. In SIMIELLI M. E. **O mapa como meio de comunicação e a alfabetização cartográfica**. São Paulo: Contexto, 2010.

ALMEIDA, R. D. de. Novos Rumos da Cartografia Escolar: currículo, linguagem e tecnologia. In CASTELLAR, S. V. **A Cartografia e a construção do conhecimento em contexto escolar**. São Paulo: Contexto, 2011.

BATISTA, N. L; CASSOL, R; BECKER, E. L. S. Mapa híbrido e multimodal: uma definição conceitual para o ensino de Geografia na contemporaneidade. **Revista Educação Geográfica em Foco**, v. 3, p. 1-17, 2019. Disponível em: <http://periodicos.pucrio.br/index.php/revistaeducacaogeograficaemfoco/article/view/879>. Acesso em: 20 set. 2019.

BATISTA, N. L; BECKER, E. L. S; CASSOL, R. Mapas híbridos e multimodais: em busca de multiletramentos na Cartografia Escolar. **Pesquisar - Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia**, v. 5, p. 19-35, 2018. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/pesquisar/article/view/5160>. Acesso em: 20 set. 2019.

DUARTE. P. A. **Fundamentos de Cartografia**. Florianópolis, UFSC, 1994.

GHISLENI, T.; BECKER, E.L.S.; JARDIM, M. S. Influência das famílias nos hábitos de leitura dos estudantes do 5º ano Prova Brasil 2015 no município de Dona Francisca RS. **Revista Kiri Kerê**, v. 4, maio/2018. Disponível em file:///C:/Users/7017/Downloads/19135-58045-1-PB%20(3).pdf. Acesso em: 08 out. 2019.

GIRARDI, G. Cartografia geográfica: entre o “já-estabelecido” e o “não- mais-suficiente”. **RA'E GA**: o

Espaço Geográfico em Análise, v. 30, p. 65-84, 2014. Disponível em:

GIRARDI, G. Mapas alternativos e educação geográfica. **Percursos (Florianópolis. Online)**, v. 13, p. 39-51, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/2759>. Acesso em: 19 jan. 2019.

<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/36083/22263>. Acesso em: 05 mai. 2019.

LIPPARD, L. **Overlay: contemporary art and the art of prehistory**. Nova Iorque: Pantheon Books, 1983.

MARTINELLI, M. **Mapas da Geografia e Cartografia Temática**. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTINELLI, M.; FERREIRA, G.M. A Cartografia para atlas geográficos para crianças. **Colóquio Cartografia para Crianças**. Anais. Rio Claro: 1997. Agosto, p. 36-40.

OLIVEIRA, L. de. **Estudo Metodológico e Cognitivo do Mapa**. In: ALMEIDA, R. D. de. (Org.). Cartografia Escolar. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

OLIVEIRA, L. de. O ensino-aprendizagem do mapa e pelo mapa. **Colóquio Cartografia para Crianças**. Anais. Rio Claro: 1997. Agosto, p. 44-46.

OLIVEIRA, C. de. **Curso de Cartografia Moderna**. Rio de Janeiro. IBGE, 1988.

OLIVEIRA, C. de. **Dicionário Cartográfico**. Rio de Janeiro. IBGE, 1983.

RIBEIRO, D. M. Cartografia literária: uma abordagem cartossemiótica sobre a guerra dos tronos. **Congresso Internacional de Comunicação e Cultura**, V. Anais. 2015, p. 1-16. São Paulo: Universidade Paulista, 2015. Disponível em: [http://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/comcult/daniel\\_melo\\_ribeiro.pdf](http://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/comcult/daniel_melo_ribeiro.pdf). Acesso em: 02 out. 2019.

RUA, J.; WASZKIAVICUS, F. A.; TANNURI, M. R. P.; NETO, H. P. **Para ensinar Geografia: Contribuição para o trabalho com 1º e 2º graus**. Rio de Janeiro: Access Editora, 1993.

SCHÄFFER, N. O. Ler a paisagem, o mapa, o livro. Escrever nas linguagens da geografia. In NEVES, I. C. B. (Org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: Ed da Universidade/UFRGS, 1998, p. 84-101.

SIMIELLI, M. E. R. Cartografia no ensino fundamental e médio. In: CARLOS, A. F. A. A. (Org.). **Geografia em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.

SWIFT, J. **As Viagens de Gulliver**. São Paulo: Todolivro, 2000.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acessibilidade 85, 87

Acre 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 113, 114, 149

Adaptação escolar 84, 85, 87

Alteridade 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 243

Análise de conteúdo 25, 29, 33, 206

Aprendizagem pela prática 97, 102, 103

Aprendizagem significativa 123, 124, 125, 129, 130, 132, 133, 135, 136, 138, 139, 213

Autoria 36, 49, 152, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176

### C

Ciência 16, 42, 50, 52, 55, 56, 66, 97, 99, 100, 108, 109, 181, 182, 184, 187, 201, 202, 206, 207, 211, 220

Competências linguísticas 1, 4, 7, 11, 12, 171

Comunicação 6, 8, 9, 25, 26, 27, 32, 33, 34, 36, 37, 50, 51, 70, 78, 87, 91, 112, 114, 131, 174, 179, 181, 190, 191, 222, 225, 226

### D

Didática profissional 97, 98, 99, 103, 104

Dinâmica da terra 15, 16, 17, 19

### E

Educação de jovens e adultos 71, 72, 73, 78, 80, 82, 83, 113, 114, 194

Ensino 1, 2, 3, 4, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 23, 24, 35, 36, 37, 41, 49, 50, 52, 55, 56, 59, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 125, 129, 130, 131, 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 161, 170, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 186, 187, 189, 190, 191, 194, 195, 201, 202, 205, 206, 207, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 245

Ensino aprendizagem 64, 66, 69, 83, 88, 119, 180, 182, 183

Escola acessível 85

### F

Ferramenta didática 88, 89, 91, 94

### G

Gamificação 35, 37, 38, 39, 48, 49, 50, 51

Gamificação no ensino superior 35

### H

Horta 149, 150, 151, 152, 153

## I

Identidade 27, 79, 124, 126, 128, 143, 144, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 214, 215, 218, 219, 230, 231, 235, 237, 238, 239, 240, 243, 244

Inserção social 1, 6, 56

## J

Jogo digital 67, 123, 124, 125

Jovens 50, 69, 71, 72, 73, 74, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 89, 113, 114, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 194

## L

Literatura infanto-juvenil 140, 141, 142, 145, 181

## M

Maquetes 15, 16, 17, 18, 19

Matemática 44, 55, 83, 96, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 151, 152, 180

Metalografia 97, 103, 104

Metodologias ativas de ensino 97, 102

## N

Novos saberes 123, 124

## O

Oralidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 34, 220, 221, 223, 224, 225, 226

## P

Paródias 15, 16, 17, 18, 21, 22

Perfil de alunos 71, 73, 78, 80

Pesquisa ensino e aprendizagem 149

Projeto de aprendizagem gamificado 35

## Q

Queimadas 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58

Química 50, 55, 57, 70, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 107, 123, 126, 139

## R

Rádio 25, 27, 28, 29, 32, 33, 34

Região dos inconfidentes 71, 73, 75, 79

## S

Sala de aula invertida 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96

Seleção de materiais 97, 99, 100

Semiárido 25, 26, 30, 31, 32, 33

Sentidos 28, 105, 107, 109, 143, 144, 145, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 175, 228, 234

Silenciamentos. 171

Simple soroban 113, 114, 117

Sociedade 3, 5, 6, 7, 8, 10, 13, 16, 26, 32, 38, 42, 52, 55, 56, 57, 61, 75, 89, 94, 122, 131, 136, 138, 141, 143, 145, 147, 155, 167, 169, 170, 172, 174, 175, 177, 182, 184, 187, 204, 206, 210, 211, 212, 220, 221, 223, 227, 235, 242

Spot 25, 28, 29, 30, 31, 32

## T

Tecnologia 21, 23, 38, 39, 47, 50, 51, 52, 55, 56, 58, 66, 68, 69, 70, 90, 95, 113, 114, 117, 118, 119, 120, 133, 190, 202, 213, 220

Tecnologia da informação 114, 213

Trabalho 3, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 25, 26, 28, 42, 43, 45, 50, 51, 52, 56, 57, 62, 66, 71, 73, 74, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 88, 89, 94, 95, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 108, 113, 114, 115, 117, 118, 121, 125, 126, 129, 136, 140, 149, 150, 151, 152, 155, 166, 169, 170, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 195, 196, 204, 210, 212, 213, 214, 222, 226, 236, 239

Tradução intercultural 140, 142, 145, 147

Transdisciplinaridade 50, 149, 150

## V

Vídeos 15, 16, 17, 18, 21, 22, 35, 56, 63, 92, 93, 94, 152, 183

